



RESENHA

BERLIN, Isaiah, *As raízes do Romantismo*, São Paulo, Fósforo, 2022. ISBN: 978-65-89733-52-2

*Edin Sued Abumanssur**

O livro “As raízes do Romantismo”, de Isaiah Berlin (1909 – 1997), publicado pela primeira vez em 1999, é o resultado de conferências proferidas por ele em 1965 na National Gallery of Art, em Washington.

Algumas ideias ou palavras, e evito propositalmente de chamar de conceitos, são flutuantes em seus significados e sentidos. Ernesto Laclau (2005) convoca um conceito da linguística para falar dos “significantes vazios” aplicados às teorias políticas. Na categoria de “significante vazio” ele inclui palavras como democracia, liberdade e populismo. Na mesma categoria, poderíamos também incluir palavras como pós-modernidade, neoliberalismo, neopentecostalismo e outras. Todas elas frouxas em seus significados e carentes do rigor exigido para um conceito analítico.

A palavra Romantismo é outra dessas, que por excesso de uso, em diferentes sentidos e contextos, acaba carregada demais e perde qualquer mordência analítica. E, por significar muitas coisas, acaba não significando nada. Isaiah Berlin inicia seu livro cercado de cuidados em relação a essa questão. Apesar do extenso arco semântico, Berlin afirma que, apesar de todas as contradições e significações antagônicas, houve de fato um movimento, na Alemanha inicialmente, que, como uma onda, varreu a Europa e alterou a sua consciência de Europa e a sua compreensão sobre a estética, a política, a religião. Esse movimento foi o Romantismo.

Para o estudo das religiões modernas ocidentais, é inescapável analisar essa onda. O próprio entendimento do que seja religião, no imaginário comum, é, em parte, dependente dos desenvolvimentos que o romantismo teve para além do território alemão. Religião como crença, indissociável da subjetividade do indivíduo; religião como uma esfera relativamente autônoma que compõe, ao lado de outras esferas, aquilo que chamamos de realidade; ou, ainda, religião como objeto de eleição de sujeitos que se creem livres; esta acepção moderna e ocidental que informa e conforma as expressões, institucionalizadas ou não, da espiritualidade contemporânea, esta acepção é tributária do movimento romântico.

A primeira coisa que Isaiah Berlin faz é afirmar que não se propõe a “entrar nessa armadilha” de tentar definir o que é o Romantismo. Logo no primeiro parágrafo, ele se posiciona: “não me proponho generalizar, e sim transmitir de alguma maneira o que creio que o Romantismo seja” (p. 21). Portanto, se alguém busca encontrar, na leitura

* Professor do PPG em Ciência da Religião da PUC-SP (São Paulo-SP). Doutor em Ciências Sociais (PUC-SP). ORCID: 0000-0001-7444-3582 – contato: edin@pucsp.br

do livro, uma definição conceitual do que seja o Romantismo, acabará, por fim, se decepcionando. Isso não significa, no entanto, que, ao término do livro, o leitor não terá uma ideia muito vívida do que seja o Romantismo¹. Esse é, talvez, o maior mérito do texto de Berlin: sem definir o que seja, o leitor perceberá a riqueza que foram os embates e debates que tomaram conta da Europa em primeiro lugar e, de forma especial, da Alemanha entre os anos de 1760 e 1830. Nesse período acontece esse movimento cultural que abarca os campos da estética, em primeiro lugar, da teoria política, da filosofia e da religião com respingos na ciência, na economia e nas conversas de bar. Berlin diz que “a importância do Romantismo é ter sido o maior movimento recente que transformou a vida e o pensamento do mundo ocidental” (p. 22). Entender o que foi esse “movimento” é, pois, inescapável para qualquer estudioso que busca compreender o solo em que medrou a cultura do Ocidente cristão contemporâneo. Foram três, segundo Berlin, as revoluções que formataram nossa vida e nossa cultura atuais: a Revolução Industrial, na Inglaterra, a Revolução Francesa e a Revolução Romântica, na Alemanha. Aquilo que somos e pensamos, por qualquer ângulo que se olhe, fará, remissão a essas três revoluções. E o cristianismo está tão visceralmente imbricado nesse processo que acaba, em muitos aspectos, por se confundir com ele.

Para Berlin, o Romantismo se caracterizou basicamente por uma nova atitude (p. 30) que, antes da explosão romântica, seria ininteligível para o europeu. Essa nova atitude estava fundada em valores como “integridade, sinceridade, disponibilidade para sacrificar a vida por alguma chama interior, dedicação a algum ideal pelo qual valia a pena sacrificar tudo aquilo que a pessoa é, pelo qual valia a pena viver e também morrer” (p. 31). Tudo isso era relativamente novo para o cidadão europeu. Uma pessoa seria admirada pela sua sinceridade, seu empenho e pureza de alma, sua capacidade e disponibilidade para se dedicar ao seu ideal, qualquer que fosse ele. Poderia ser a crença numa terra plana ou em um governante truculento e despreparado. Desde que houvesse sinceridade nessa posição, isso deveria ser objeto de respeito e admiração. Nessa perspectiva, um católico, por exemplo, poderia admirar um protestante se entendesse que este protestante, mesmo que errado, era sincero em sua crença. Esse espírito era uma novidade e isso esteve nas bases fundantes do Romantismo. Essa atitude própria do Romantismo poderia não ser totalmente nova, mas, entre 1760 e 1830 na Alemanha, foi objeto de extrema atenção.

O que foi que aconteceu na Alemanha, e na Europa, para alterar o espírito da época? Berlin lista os grandes autores que tentaram entender o que estava acontecendo (p. 38): Stendhal, Goethe, Nietzsche, Coleridge, Shelley, os irmãos Schlegel. Compreensões quase sempre divergentes e conflituosas entre si. Não há consenso sobre o assunto e as opiniões colocam em campos opostos muitos desses autores. Mesmo quando Berlin elenca as características que eles apontavam como sendo próprias do movimento romântico, é com a intenção de salientar a dificuldade de se encontrar os pontos comuns. O Romantismo foi um movimento que abarcou sentimentos e comportamentos díspares

¹ Essa maneira alusiva de se abordar um tema ou um conceito envolto na névoa dos debates acadêmicos também foi adotada por Balandier (1997, p. 169) ao tratar da chamada modernidade. Sem defini-la, ele traça os seus contornos e opera nos limites da imagem construída.

e antagônicos. Ele é, a um só tempo, a exuberante sensação de vida do homem natural, bruto, primitivo e ignorante. Mas é também a doença, a febre e a decadência. É a turbulência da vida, a violência, o conflito, o caos. Mas também é a paz, a harmonia com a ordem natural, a união com o cosmo e a natureza. É o estranho e é o familiar, é o exótico e é a tradição. É o grotesco, o misterioso, o sobrenatural, os castelos encantados, elfos, gigantes, as trevas e seus poderes, fantasmas e vampiros, o terror, o irracional, o indizível. Mas é também a natureza sorridente e amigável, as cenas e sons habituais da gente simples do campo, a “sabedoria dos filhos da terra”, a vida vivida no aconchego da família. O Romantismo pode ser o antigo, e a louvação de toda a Antiguidade, mas pode ser igualmente o novo, a mudança revolucionária, a valorização do presente e do efêmero. Esse movimento é plural e, podemos dizer, foram muitos os romantismos. Há, inclusive, quem afirma que tal movimento nunca existiu. Sobre isso, Berlin é claro e taxativo: “Houve de fato um movimento romântico; ele teve algo que lhe era central; ele criou uma grande revolução na consciência; e é importante descobrir o que é” (p. 45).

O contexto em que surge o movimento romântico é o do Iluminismo. É, pois, contra o Iluminismo que se levanta o novo espírito e, com todas as suas contradições, como uma maré montante, varre a cultura ocidental. Para Berlin, o Iluminismo pode ser reduzido a três proposições fundamentais. A primeira proposição afirma que “todas as perguntas autênticas podem ser respondidas”. Se uma pergunta é impossível de ser respondida é porque ela não é, na verdade, uma pergunta autêntica. Pode-se não saber a resposta, por estupidez ou ignorância, mas a resposta existe em algum lugar ou em algum momento, se não agora, em um futuro, e acabaremos por descobri-la. Com essa proposição estão de acordo tanto os cristãos quanto os pagãos. Segundo Berlin, essa “é a espinha dorsal da principal tradição do Ocidente, e foi isso que o Romantismo quebrou” (p. 47).

A segunda proposição iluminista é que todas as respostas são cognoscíveis e podem ser descobertas com método, podem ser aprendidas e ensinadas. A terceira proposição é que todas as respostas devem ser compatíveis entre si. Se todas as respostas verdadeiras para as perguntas igualmente sérias e verdadeiras guardam uma congruência entre si, é necessário se admitir que existe uma descrição de um Universo que é a resposta a todas as perguntas sérias. Essa descrição plena pode ser uma utopia e talvez não sejamos capazes de alcançá-la, mas ela permanece como uma medida de nossas imperfeições atuais.

Essas são as três proposições da tradição ocidental racionalista. Elas cabem para os cristãos e para os pagãos, para o teísmo e para o ateísmo. No entanto, o Iluminismo acrescentou uma nuance de absoluta relevância: a resposta última e plena não pode ser obtida por meio da revelação, pois diferentes revelações feitas ao homem parecem contradizer umas às outras. Também não pode ser obtida pela tradição, pois as tradições são muitas e, às vezes, enganadoras. Não pode ainda ser obtida pelo dogma nem pelo autoexame individual. A única forma de descobrir a resposta é pelo uso correto da razão. E, no meio acadêmico e intelectual da Europa do século XVIII, havia um consenso sobre isso. Isso foi o Iluminismo e foi a base sobre a qual se construiu o Ocidente moderno.

No campo da teologia, esse tipo de racionalismo engendrou o escolasticismo que calcificou toda a possibilidade do exercício de uma fé viva e alegre. O escolasticismo protestante, em certa medida e em certo sentido, foi a exacerbação dessa racionalidade

imposta à vida religiosa. Na verdade, o texto mais conhecido de Max Weber (2001), ao criar aquele tipo ideal de protestantismo, é disso que trata. Rubem Alves (1979), da mesma forma, com outro modelo ideal de protestantismo, também aponta para as consequências desse racionalismo quando imposto à vida das comunidades protestantes.

Pois foi contra tudo isso que o Romantismo se levantou: contra o Iluminismo racionalista no campo secular e contra o escolasticismo no campo religioso, de maneira especial, no protestantismo. Diz Isaiah Berlin que “o movimento pietista, que realmente é a raiz do Romantismo, tornou-se profundamente arraigado na Alemanha” (p. 65). O pietismo surge no seio do luteranismo do século XVII e teve como marcas mais relevantes o estudo cuidadoso da Bíblia e a ênfase na relação pessoal do fiel com Deus, na vida espiritual, no desprezo pelo aprendizado, pelo ritual e pela forma dos cultos. A busca individual da alma humana por seu criador marcava a espiritualidade pietista. Difícil não pensar no pentecostalismo que, duzentos anos mais tarde, propugnou pelos mesmos valores.

Defensores e detratores do Romantismo vão encontrar abono para suas ideias em autores que, dizendo-se românticos, posicionam-se em polos opostos sobre aspectos e momentos da cultura ocidental. O Romantismo pode ser, a depender de quem se leia e de quais aspectos são considerados, progressista e revolucionário ou fascista e reacionário. O Romantismo pode ser contrário a qualquer ordem estabelecida, seja na política, nas ciências ou nas artes, mas pode também defender com intransigência um determinado estado da situação. Amantes de um passado idealizado ou animados com as novidades no campo das ideias e da tecnologia podem ser percebidos como românticos. Defensores da natureza e da vida simples no campo e os que preferem os confortos de uma metrópole vão encontrar no Romantismo filósofos, artistas e pensadores que se reconhecem em ambos os polos.

Mas, para Isaiah Berlin, devemos muita coisa ao Romantismo. Devemos a ele a nossa noção de liberdade de expressão, a inexplicabilidade dos seres humanos, as respostas pessoais sobre qualquer matéria que nos diga respeito. “A visão de que há muitos valores e que eles são incompatíveis; toda a noção de pluralidade, de inesgotabilidade, da imperfeição de todas as respostas e arranjos humanos; a ideia de que nenhuma resposta que afirme ser verdadeira, seja na arte ou na vida, pode, em princípio, ser perfeita ou verdadeira – tudo isso devemos aos românticos” (p. 206). Para Berlin, o liberalismo, em sua acepção positiva, a decência, a apreciação das imperfeições da vida com suas contradições, com suas glórias e suas misérias são dívidas que temos com o Romantismo. Se hoje podemos pensar em tolerância religiosa, em diálogo interreligioso, no direito à livre expressão da fé e de opinião, é ao Romantismo que devemos remontar nosso reconhecimento.

Referências

ALVES, Rubem, *Protestantismo e repressão*, São Paulo, Ática, 1979.

BALANDIER, Georges, *A desordem: elogio do movimento*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

LACLAU, Ernesto, La razón populista, Buenos Ayres, Fondo de Cultura Económica, 2005.

WEBER, Max, A ética protestante e o espírito do capitalismo, Lisboa, Editorial Presença, 2001.

Submetido em: 31/05/2023

Aprovado em: 25/07/2023

Editor responsável: Silas Guerriero